

Experiências de cinema e revelações geográficas: leituras da filmografia londrinense¹

Filmic experiences and geographical revelations: Londrina – PR filmography readings

Nicolas Veregue Ruiz

Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"
(Unesp/Presidente Prudente)

Licenciado e bacharel em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, Brasil
nicolasveregue@gmail.com

Jeani Delgado Paschoal Moura

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"
(Unesp/Presidente Prudente)

Pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Professora do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
jeanimoura@uol.com.br

Resumo

Neste artigo apresentamos experiências fílmicas e revelações geográficas a partir da filmografia londrinense. Por meio da pesquisa qualitativa, levantamos os filmes produzidos na cidade de Londrina – PR e selecionamos os mais relevantes no que se refere ao diálogo com a imaginação geográfica, a experiência e o lugar, essenciais para a formação e desenvolvimento do olhar do geógrafo. Como resultado, foi possível tecer ligações entre Geografia e o Cinema londrinense, cuja identidade pode emergir como potência a novos referenciais no desenrolar do saber e fazer geográfico contemporâneo.

Palavras-chave: Geografia humanista-cultural. Londrina – PR. Fenomenologia. Olhar geográfico. Imagens.

Abstract

This paper presents filmic experiences and geographical revelations on Londrina – PR filmography. On qualitative research, the films made in the city of Londrina – PR were chosen and select the most relevant ones regarding dialogue with the geographical imagination, experience and place, essential themes and concepts for the formation and development of the geographer 's look. Finally, we might have a glimpse of an experiential connection between Geography and Londrina movies and offer subsidies for those questions to promote another reference on contemporary geographical knowledge.

Keywords: Cultural, humanistic Geography. Londrina – PR. Phenomenology. Geographical look. Images.

¹ Este artigo originou-se do Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) para obtenção do título de bacharel em Geografia, defendido pelo primeiro autor na Universidade Estadual de Londrina em fevereiro de 2018 e orientado pela segunda autora. Agradecemos as avaliações e arguições feitas pela banca examinadora, Prof. Dr. Lindberg Nascimento Jr. e Profa. Dra. Leia Aparecida Veiga.

1. INTRODUÇÃO: SOBRE OS MEANDROS DESTA PESQUISA

Mas antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia vivida em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva (DARDEL, 2015, p.1)

A dimensão dessa “geografia vivida em ato” postulada na epígrafe, é anterior a qualquer institucionalização, instrumentação e organização científica, ela reside, primeiramente, na existência e na experiência humana, nas nossas práticas e trajetórias cotidianas, na mais-que-relação que temos com os lugares, com as paisagens e com o espaço geográfico, uma vez que, essa mais-que-relação é intrínseca, reveladora, substancial e inspiradora.

Com a oportunidade de realizar esta pesquisa, conseguimos alinhar interesses pretéritos e presentes e trazer a estas linhas, indagações e dúvidas, avanços e possibilidades e os limites próprios de um trabalho científico ao final da graduação. O desenvolvimento desta pesquisa não se enquadrou nos “moldes mais tradicionais” de produção científica, afinal, a forma diz muito sobre o conteúdo e vice-versa pois entendemos que esses tais “moldes tradicionais” não permitem que a experiência vivida seja resgatada e se realoque nas preocupações do e no pensar-fazer geográfico (MARANDOLA JR., 2005a; 2005b).

Os estudos humanistas-culturais em Geografia, desde os anos 1960 e 1970, foram inspirados por correntes de pensamento diversas, dentre elas a Fenomenologia, trazendo de volta aspectos e elementos deixados de lado no decorrer do desenvolvimento da ciência geográfica, que ainda prima pela racionalidade e objetividade em detrimento da subjetividade e de manifestações sensíveis e artísticas, como a literatura, o cinema, a música, pintura, poesia, etc. (AMORIM FILHO, 1999; MARANDOLA Jr., 2013; 2016).

Sendo assim, dizemos que há toda uma trajetória das atitudes, pensamentos que circundam o método fenomenológico em Geografia, uma vez que, essa base filosófica propõe um retorno ou volta às coisas como elas realmente são – a busca pelas essências. Podemos citar trabalhos consistentes e basilares para a compreensão das bases fenomenológicas da Geografia, como o de Relph (1979), inspirado por Eric Dardel, cujos pilares da realidade geográfica são os espaços, as paisagens e os lugares, entendidos como essências diretamente experienciadas por meio do mundo-vivido.

Assim, colocadas as atitudes e posicionamentos dos pesquisadores e o escopo metodológico e filosófico em que eles discursam e produzem ciência, frente ao universo de pesquisa, salientamos que o objetivo deste trabalho é revelar as experiências de cinema e as geografias produzidas pelos filmes londrinenses. Não se trata de tecer críticas cinematográficas da produção fílmica local, nem análises aprofundadas de elementos técnicos, de roteiro, produção, direção das obras aqui

apresentadas, mas evidenciar que a experiência fílmica é uma experiência geográfica², como escrevem Oliveira Jr. (2005) e Queiroz Filho (2013).

Muitos pesquisadores, nos últimos vinte anos têm se dedicado a desestabilizar as fronteiras entre Geografia e Cinema, buscando intersecções, entrelaçamentos e possibilidades, enriquecendo as análises geográficas e oferecendo revelações dos filmes a seus pares, deste e de outros campos do saber. Oliveira Jr. (2005, p.6-7) comenta que “[...] as geografias de cinema, frutos de interpretações subjetivas e de pesquisa das imagens e sons fílmicos, buscam desliteralizar as interpretações habituais dadas a estes filmes... por isso terminam sendo uma proposição educativa, além de poética, das obras do cinema [...]”

O autor complementa que para que tais geografias não sejam apenas reverberações subjetivas, é necessário apontar “onde o sentido que nos ficou do filme acontece”, pesquisando suas imagens, sons, onde localizamos os personagens e a “geografia na qual estes vivem e agem”. Queiroz Filho (2013), apoiado em Massey (2008), salienta que nas geografias de cinema, se lançam luzes sobre as preocupações geográficas contemporâneas, tomando o cinema como produtor de conhecimento e, por conseguinte, mediador das nossas relações com o mundo e suas “grafias” – linguagens – que fazemos dele, sendo o próprio cinema uma delas...

Como revelar essas experiências de cinema e as geografias produzidas pelos filmes londrinenses? Trata-se de ir em direção a eles. Não é buscar os conceitos geográficos “prontos” e “envelopados” (paisagem, lugar, região, território...) nos filmes, é, justamente, fazer o caminho inverso. Perder-se de nossas visões apriorísticas... Ir aos filmes e a partir da experiência de expectador (em nosso caso, pesquisadores-geógrafos) dessas obras, se deixar encontrar pelos conceitos.

O desenrolar da pesquisa, nesses aspectos, nos levou primeiramente a buscar pelos filmes londrinenses... mesmo enlevados pela intuição, precisávamos de pelo menos algum ponto de partida para que pudesse, conhecendo alguma abertura, invertê-la, questioná-la, trocar entradas por saídas e vice-versa. Rodrigo Grotta, cineasta, contribuiu com a nossa pesquisa nesses termos, de duas maneiras: a primeira, com um texto de sua autoria, de 2009 (GROTA, 2009) – sobre a história do cinema londrinense, e a segunda, por meio de e-mails trocados, no segundo semestre de 2017.

No corpo da mensagem dos e-mails, Grotta indica que, em 2014, a *Kinopus*, a produtora na qual faz parte, organizou uma mostra com filmes produzidos, dirigidos e filmados em Londrina. A organização dessa mostra (HOTEL BERLIM, 2014) foi dividida em “sessões temáticas”³, que nos inspiraram a escolher os filmes que seriam trazidos para esta pesquisa. Tendo escolhido os filmes,

² Segundo Bondiá (2002), experiência não é aquilo que se passa, pois no mundo muitas coisas se passam... experiência é aquilo que nos afeta, nos passa, nos atravessa e nos move em direção a outro lugar no mundo...

³ As sessões temáticas eram as seguintes: Londrina Histórica, Londrina em Película, Londrina Documental, Londrina Sombria, Londrina Contemporânea, Londrina Imaginária e Londrina Sonora (HOTEL BERLIM, 2014).

selecionamos para apreciação aqueles com os quais mais nos identificamos e que poderiam trazer potências para pensar a experiência geográfica londrinense, e também a respeito de questões ligadas ao nosso cotidiano e suas reverberações no lugar, além das inúmeras terras incógnitas que almejamos alcançar por meio do cinema, enfim, vários elementos que encontramos relações para continuar re-fazendo e re-pensando as trilhas do fazer geográfico contemporâneo.

Esse olhar e identificação, geograficamente guiadas (GOMES, 2012), são atribuições da/na formação do/a geógrafo/a... é ele ou ela que busca, ou deveria buscar, a indissociabilidade entre objetos e ações (SANTOS, 2006) e procura compreender a interdependência das dimensões da corporeidade, individualidade e socialidade que formam e fundam o cotidiano (SANTOS, 1996), permeiam a existência dos seres, ligados intrinsecamente à Terra (DARDEL, 2015; MARANDOLA Jr., 2017). Tais entendimentos, podem proporcionar Geografia(s), efetivamente críticas, epistemologicamente e ontologicamente ativas e aplicadas reflexivamente, enlevadas também pela imaginação e subjetividade dos/as geógrafos/as (WRIGHT, 2014).

Muitos dos filmes londrinenses não serão apresentados pela dificuldade de acesso ao material, cujo acervo ainda não foi restaurado ou se encontra em plataformas analógicas de difícil manipulação, dentre outras limitações logísticas de ordem pessoal, financeira e material. Realçamos ainda que o que apresentamos não é uma leitura definitiva do cinema londrinense, mas uma possibilidade dentre várias possibilidades das experiências geográficas se revelarem...

Ressaltamos que esta pesquisa é qualitativa, o que quer dizer que sabemos que a quantidade de filmes produzidos no total é maior dos que os apresentados nesta pesquisa e não foram incluídos por motivos mencionados anteriormente.

2. REVELAÇÕES FÍLMICAS, IMAGINAÇÃO GEOGRÁFICA E TERRAS (IN)CÓGNITAS

Nesta sessão, discutimos a respeito de três curtas londrinenses que instigaram nossa imaginação geográfica, tão importante na constituição do saber e fazer geográfico e tão colocadas em cheque por conta do objetivismo e cientificismo presentes em análises de geógrafos arraigados em concepções positivistas e funcionalistas da ciência e da vida. Nossa intenção é desvelar a partir desses curtas a possibilidade de ericar pensamentos sobre a imaginação geográfica e as terras (in)cógnitas, inspiradores e primordiais nos nossos esquemas e criações.

2.1. “Hikoma Udihara” e “Londrina 1959”

Um álbum de recordações. Foi desse modo que os primeiros filmes que assistimos da cinematografia londrinense nos pareceram. Hikoma Udihara e Orlando Vincentini filmaram o

cotidiano da cidade há mais de meio século⁴. Suas câmeras miraram desde casamentos, chegadas e partidas, colheitas e plantações de café, exposições agropecuárias, ruas e estradas de terra, até viagens de trem, decolagem de aviões... dentre outras passagens e paragens que eles, à época, julgaram pertinentes eternizar.

No caso de Udihara, os filmes curtos assistidos, reunidos em apenas um, “Hikoma Udihara” (Figura 1), restaurados por Caio Júlio Cesaro ao longo de suas pesquisas, não são apresentados em ordem cronológica e temporal, são registros de diferentes anos filmados em 16mm, originalmente sem som (CESARO, 2007; GROTA, 2009).



Figura 1 – Screenshots dos filmes de Hikoma Udihara.

Fonte: Vimeo (2014) – Organizado pelos autores (2018).

⁴ Embora esses curtas estejam na plataforma *Vimeo* e foram assistidos *online*, o conteúdo é de uma coleção particular, não podendo ser amplamente divulgada.

Vincentini, em seu documentário, “Londrina 1959” (Figura 2) evidencia a celebração dos 25 anos do município – seu jubileu de prata – numa tentativa de uma narrativa mais ficcional, não sonorizada, Vincentini filma seus filhos em situações corriqueiras, além dos movimentos e das pulsações de uma nova cidade e de sua dinâmica do trabalho, do café, do progresso e do crescimento pujante.



Figura 2 – Screenshots do documentário “Londrina 1959”.

Fonte: Vimeo (2014) – Organizado pelos autores (2018).

Ao abrir um álbum de fotografias antigas, nós retornamos e saímos de nossos lugares seguros para caminhar em direção a outros mais limosos, cheio de labirintos intermináveis e possibilidades de fugir... nesse caso por terras cógicas, já conhecidas por nós... diretamente para nossas memórias, repletas de fantasias... A imaginação nos guia e flui... sentimos uma saudade que por vezes é impossível explicar em palavras. Página por página, foto por foto, vamos revivendo cada cena imortalizada... entre lágrimas, de choro e riso, quantas boas lembranças retornam...

Esses pequenos filmes de Udihara e o documentário de Vincentini foram como álbuns antigos de fotografias, encontrados no fundo de baús e armários, cheios de pó e poeira... embora não estivéssemos nessas fotos, nem família, nem amigos ou conhecidos, sentimos que esses registros têm um valor que transcende o “histórico”, esses registros são terras incógnitas, desconhecidas... capazes de fazer justamente isso, nos lembrarmos de nossos próprios registros e da importância deles para retornar aos nossos lugares sempre que quisermos (a conversão de terras incógnitas pessoais para terras cógicas pessoais)...

Essas Londrinas (in)cógnitas permanecem além... já que “[...] uma concepção imaginativa é essencialmente uma nova visão, uma nova criação...” (WRIGHT, 2014, p.8, grifos nossos), possibilitando maneiras e jeitos de re-imaginar e re-criar Londrinas que (não) vivemos. Esses filmes estimularam nossa imaginação geográfica, retratando várias Londrinas que embora não existam mais, estão “guardadas” para que outros e outras possam se aventurar e enfrentá-las...

Podemos voltar para as Londrinas eternizadas por Udihara e Vincentini... aquelas dos anos de 1930, 1940, 1950... as mesmas que eles filmaram? Jamais... porém podemos acessá-la por meio desses álbuns em movimento, que são seus filmes... que eles nos deixaram, nós não aparecemos neles, mas guardaremos uma vontade de percorrer os caminhos (in)cógnitos que eles fizeram, que já não são mais os mesmos de antes, nem poderiam... são outros, ganhando novas tonalidades na medida em que vão sendo redescobertos mais e mais vezes, assim que abrimos e passeamos pelas suas páginas em movimento.

2.2. “Rubras Mariposas”

Nosso terceiro curta, “Rubras Mariposas”⁵ (2013), do diretor Anderson Craveiro é uma mistura de poema visual, teatro, apresentação artística, música, documentário e ficção..., aliás não só uma, várias misturas.... o filme mostra o auge da prostituição e da boemia na cidade de Londrina dos anos de 1930 até a sua decadência nos anos de 1970.

Narrado por Jussara (a atriz brasileira Maria Alice Vergueiro), uma cafetina relembra os tempos áureos da economia cafeeira londrinense, do “ouro verde” e “capital mundial do café” e a sua outra face – ilícita da pujança econômica e pulsante, suas noites boêmias (Figura 3), com as chamadas “mulheres da noite”, as prostitutas que satisfaziam os desejos masculinos, desde os barões e patrões, até os trabalhadores da roça...

⁵ Disponível em: <<https://vimeo.com/111133328>>. Acesso em: 28 jan. 2018.



Figura 3 – Noite boemia londrinense em “Rubras Mariposas”.

Fonte: Vimeo (2013) – Organizados pelos autores.

Queiroz Filho (2007) afirma que o cinema se utiliza dos lugares existentes além-filme e na captação desses lugares geográficos pela câmera e os transforma em locais filmicos, assim, nesse movimento constante, nós espectadores, vamos sendo levados a encontrar nossas geografias compartilhadas, seja por alusões e/ou verossimilhanças com a realidade, nossas histórias de vida, nossas trajetórias cotidianas, etc.

Essa busca pela multiplicidade de (geo)grafias (MASSEY, 2008) que, por meio do olhar do espectador, conversam, interagem, sobrepõe e conectam entre si na narrativa fílmica, permeiam e oferecem subsídios para ampliar nossa imaginação geográfica, apurar nosso arsenal epistemológico e garantir um conhecimento geográfico dotado de sensibilidade para pensar fora do núcleo duro da Geografia (WRIGHT, 2014).

Nos bordéis, cabarés e casas de prostituição, fluidos corporais, álcool e dinheiro jorravam em efervescência. Borboletas durante o dia e mariposas à noite, as meninas de Jussara, garantiam a diversão daqueles que podiam pagar, muito ou pouco. No filme, elas são as protagonistas. Poeticamente e explicitamente-implicitamente, o filme vai nos revelando que elas tinham desejos outros, além de muitos sonhos e uma vida que estava além da garantia de prazer masculino... (Figura 4).



Figura 4 – Desejos outros à beira do lago em “Rubras Mariposas”
Fonte: Vimeo (2013) – Organizado pelos autores (2018).

Entre doenças sexualmente transmissíveis e outras patologias e a decadência econômica e política do café e da prostituição feminina em casas noturnas (LEME, 2005), a noite urbana pulsante se deteriora, perde seu brilho, o carnaval das cores torna-se opaco e tem seu fim anunciado... as mariposas batem asas em direção à luz, porém as luzes se apagam...

Esse foi o recorte narrativo, não só de Jussara, mas de muitas outras Jussaras... mulheres participantes da história da prostituição feminina em Londrina. No espaço fílmico, a garantia de luzes, imagens e sons emergem da vida pulsante há mais de quarenta anos... As mulheres que foram relegadas a reprodução e ainda são hipersexualizadas emanam com protagonismo na cena em que sobem uma rua (Figura 5), o lugar de reunião, do encontro (DARDEL, 2015) e das ideias que borbulham... juntas, têm um semblante sério, mais combativo, em contraponto às piruetas carnavalescas mostradas paralelamente, afinal, a prostituição é positiva para quem?

As mulheres produzem lugares, apesar de sua vivência espacial estar atrelada a sua condição de gênero, é importante dizer que existem contrapontos e resistências que merecem ser discutidas e colocadas em evidência. No filme de Craveiro, me parece justamente uma canção contra os dogmas da sociedade hipócrita e seu curta realizado é uma forma de preservar e garantir a geografia e a existência dessas mulheres na trajetória londrinense.

Os três curtas apresentados instigaram e perseguiram minha imaginação geográfica, uma vez que, as Londrinas “reais”, presentes, dialogam com as Londrinas imaginadas/imaginárias por meio

do cinema... Esse diálogo está sempre em movimento, pulsante e revelador, assim como as nossas vivências pela cidade, nossas trajetórias e memórias.



Figura 5 – Mulheres combativas em “Rubras Mariposas”.
Fonte: Vimeo (2013). Organizado pelos autores.

A partir desses filmes são oferecidos não só a contemplação artística dessas Londrinas por si só, mas maneiras de rasurar e desestabilizar nossos pensamentos e enlevar e aprimorar cada vez mais nosso olhar geográfico, ampliando nosso processo perceptivo, o que nos permite trabalhar com simultaneidades e variar nossos pontos de vista (GOMES, 2012), além de trocá-los, alterná-los e até confluir esses pontos de vista, em direção a uma imaginação geográfica múltipla...

3. TEXTOS, LUGAR(ES) E EXPERIÊNCIAS FÍLMICAS E GEOGRÁFICAS

Nesta sessão, são apresentados seis curtas londrinenses. Estes curtas inspiraram pensares e essa escrita sobre textos, lugar e experiência fílmica e geográfica. É importante frisar que a experiência nos passa, nos atravessa e nos toca (BONDÍÁ, 2002). Embora estejamos contaminados com excessos de imagens e informações, a experiência tem sido esgarçada e desperdiçada, então temos o dever e desejo de realocá-la como fundante.

3.1. “Cine Paixão”, “Saudade” e “Pandora”

Chegamos a três curtas realizados no início dos anos 2000, são eles: “Cine Paixão” (2001)⁶ e “Saudade” (2004)⁷, dos diretores Sérgio Concilio e Vera Senise e “Pandora” (2004)⁸ dos

⁶ Disponível em: <https://youtu.be/aEend5UjMVA>. Acesso em: 25 jan. 2018.

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/Dy1su3e8VSw>. Acesso em: 25 jan. 2018.

⁸ Disponível em: <https://youtu.be/qJmSORuywKY>. Acesso em: 25 jan. 2018.

realizadores Invasores de Tela em conjunto com as oficinas Kinoarte da Mostra Londrina de Cinema daquele ano.

O primeiro curto nos mostra um set de filmagem. Uma cena sendo rodada, erros intermináveis dos atores e da equipe, um beijo que não conseguia ser filmado sem erros de jeito nenhum. “Valha-me Deus!”, gritava alguém atrás da câmera cada vez que alguém cometia um erro, ou estava fora do enquadramento, ou posicionado da maneira errada, com microfones e equipamentos diversos que apareciam e reapareciam onde não deveriam estar...

“Quem diria... o filme do Hitchcock na Riviera francesa...” e as conseqüentes falas da protagonista nos remetem aos filmes desse diretor, gênio do mistério e do suspense e da capacidade de prender a audiência até o início dos créditos finais. As referências culturais (Hitchcock, Grace Kelly, Fred Astaire, Fellini...) de “Cine Paixão” são como transposições e pontes, que nos levam a outros filmes possíveis, pensando a partir de um lugar possível, real, o nosso lugar, aquele que estamos.

Um filme é um “texto geográfico”, já diria Costa (2013). Esse texto é dotado de imaginação e nuances, a obra cinematográfica mantém relações com o que é representado, “o real” (COSTA, 2002), carregada de possibilidades de conceitos ou das essências geográficas (não estando prontas, acabadas ou delineadas), esses estão rasurados e rabiscados, nas fronteiras.. e em seus movimentos internos e externos.

O espaço fílmico é composto de lugares, “territórios, paisagens e metáforas: dentro e fora, amplo e restrito, subir e descer, movimentos diagonais, fronteiras diversas, percursos por estrados, rios e oceanos, ambientes simbólicos, traduzidos em florestas, desertos...” (OLIVEIRA Jr., 2005, p.27, grifos meus). Assim, nesses textos geográficos – os filmes, conseguimos transpor as fronteiras e pensar nas referências dos mesmos, dotando-as de espacialidades e significados múltiplos para nossa vivência.

A paixão presente no filme de Concilio e Senise é latente, então, nesses aspectos. As referências se convergem. A do cineasta e a dos espectadores. De diferentes ângulos, vemos um filme dentro de outro, uma produção dentro de outra, composição essa que dá a tônica de um riso, dos aplausos, na confluência dos movimentos diagonais, amplos e restritos, como nos enquadramentos que mudam e no tão aguardado beijo final (Figura 6). Dentro e fora do *set* de filmagem, a paixão pelo fazer, pelo conhecer e pelo cinema ser o que é para muitas pessoas...



Figura 6 – O tão aguardo beijo final em “Cine Paixão”.
Fonte: Youtube (2018) – Organizado pelos autores (2018).

“Saudade”, o segundo curta, em preto e branco, nos traz um personagem e sua memória. Em casa, à noite, ele relembra momentos com outra personagem, possivelmente sua mãe. Ouve sons, relembra os cafés, os movimentos dela pela casa, os passos que dava pelos cômodos e seus sorrisos. Ela não está mais naquela casa por algum motivo, que não sabemos... ela morreu? Partiu por alguma razão? Será que ela não está lá mesmo?

Sabemos que o lugar é circunstancial (MARANDOLA Jr., 2012) e também, a pausa no movimento (TUAN, 2013). Para nosso personagem sua mãe ainda habita na pausa, no lugar que ainda estão confinadas e calcada as lembranças, na casa em que provavelmente cresceu, no modo como ela funcionou, no jeito que sua mãe preparava o café, no olhar que ela deitava para ele, a casa em que ele teve que sair muitas vezes para ir em direção ao movimento, que é o espaço, longe da segurança, do casulo que o protege.

Retornamos à casa muitas vezes em busca de uma proteção e segurança que só pode ser dada e estabelecida lá, pois além desse lugar construído, o lugar também são as pessoas. Afinal, “[...] na casa que o círculo mais forte da confiança básica, do casulo protetor e do mundo circundante se estabelece e se propaga, permanecendo a família e a casa os principais lugares promotores de proteção, onde estamos menos vulneráveis” (MARANDOLA Jr., 2008b, p.45).

A cadeira de balanço sozinha, sem ninguém (Figura 7). O toca-discos antigo já não toca mais as mesmas músicas. Elementos que compõem o mosaico da saudade do personagem em busca de suas lembranças, monocromáticas, repletas de luzes e sombras, caminhando pelo vazio escuro... as lembranças e os lugares caminham junto a nós?



Figura 7 – A cadeira de balanço sem ninguém em “Saudade”.
Fonte: Youtube (2018) – Organizado pelo autor (2018).

Em “Pandora”, outro filme monocromático (Figura 8), a personagem principal terá que entregar uma caixa em uma reunião de prováveis empresários. Em seu caminho até lá, o caos da insegurança urbana, a fragmentação provocada pelas quebras de narrativa e as confusas risadas de fundo, acompanharão o itinerário da personagem principal até o desfecho.



Figura 8 – O que há na caixa de “Pandora”?
Fonte: Youtube (2018) – Organizado pelos autores (2018).

Nos resta perguntar durante toda a exibição, o que guardará a caixa de Pandora? Para chegar a reunião, Pandora será escoltada por seguranças em um ritmo frenético em uma Londrina ágil, rápida, caótica e caleidoscópica, em tons de cinza, assim como sua personagem principal, nos levando a um final cômico e até previsível... onde talvez as experiências estejam esgarçadas e sem sentido e as

coisas apenas passam e acontecem, mas não nos atravessam... nos questionamos... mesmo em um filme monocromático, o movimento pode doar cor ao que não é colorido?

3.2. “Nem todos que estão são, nem todos que são estão”, “Rotundus” e “Mauro Montezuma – Vida e Obra”

Um cadeião, uma artista plástica e um tatuador. Esses são as personagens protagonistas dos próximos curtas londrinenses dos quais falaremos. Respectivamente, as personagens mencionadas são dos curtas “Nem todos que estão são, nem todos que são estão”⁹ e “Rotundus”¹⁰ (2005) realizados no âmbito das oficinas Kinoarte e da Mostra Londrina de Cinema e “Mauro Montezuma – Vida e obra”¹¹ (2012) de Ian Sorgi e Eik Sorgi.

Os três curtas são documentários¹² que retratam de maneiras diferentes personagens da cidade de Londrina. No caso do primeiro curta, o personagem não é uma pessoa, é um local, o Cadeião da Rua Sergipe, no centro. Este local chegou a abrigar mais de 200 presos onde só caberiam 60, segundo informações contidas no próprio filme.

O curta conta histórias e casos que aconteceram durante o período de funcionamento do Cadeião, narrado com uma voz em *off*, as imagens nos oferecem uma ideia do horror que foi o aprisionamento daquelas pessoas naquele espaço.

Não faz parte do escopo e objetivos deste trabalho discutir a respeito das prisões, suas funções e demais reverberações de ordem social, porém ao mostrar as imagens das paredes desenhadas, riscadas, sujas e arranhadas (Figura 9), corredores claustrofóbicos e os relatos narrados de espancamento de presos, fugas em massa e superlotações, a mistura entre imagem, voz e som me fazem refletir a respeito da dignidade humana ou a falta dela em alguns casos apresentados.

Hoje em dia, esse cadeião se tornou o Sesc Cadeião Cultural onde acontecem atividades, oficinas e exposições culturais, além de mostras de cinema... O museu preserva algumas das celas do antigo cadeião como um memorial, onde se resguarda a memória daquilo que foi um local de sofrimento e solapamento de sonhos de muitos, talvez inocentes, que estiveram encarcerados ali. Para que a história e a geografia daquelas pessoas não fossem esquecidas, afinal elas estão incrustadas ali de alguma maneira...

Sejam rugosidades (SANTOS, 2006) ou essências dos lugares e das paisagens, as marcas muitas vezes não podem ser apagadas pois habitam os corpos, se relacionam com a memória e

⁹ Disponível em: <https://youtu.be/cEOI37gitio>. Acesso em: 25 jan. 2018.

¹⁰ Disponível em: <https://youtu.be/0DDknRfJBZU>. Acesso em: 25 jan. 2018.

¹¹ Disponível em: <https://vimeo.com/36552706>. Acesso em: 25 jan. 2018.

¹² Documentários representam de maneira tangível elementos de um mundo que é ocupado e compartilhado por todos nós. Tornam visível e audível a matéria que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Eles transmitem verdades, se assim nós quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações, argumentos e pontos de vista relativos ao mundo como o conhecemos e decidir se merecem que criamos nele (NICHOLS, 2010, p.26).

preservam uma característica própria por meio da lembrança e vestígios deixados, são pegadas e grafias... (MASSEY, 2008).

O segundo curta, “Rotundus”, mostra o trabalho de uma artista plástica londrinense, Fernanda Magalhães (Figura 10). O filme vai problematizando a questão do corpo perfeito na sociedade atual, enquanto visualizamos as gravuras, colagens e desenhos da artista que não tem vergonha de não ter o corpo idealizado pelo consumo e para o consumo.

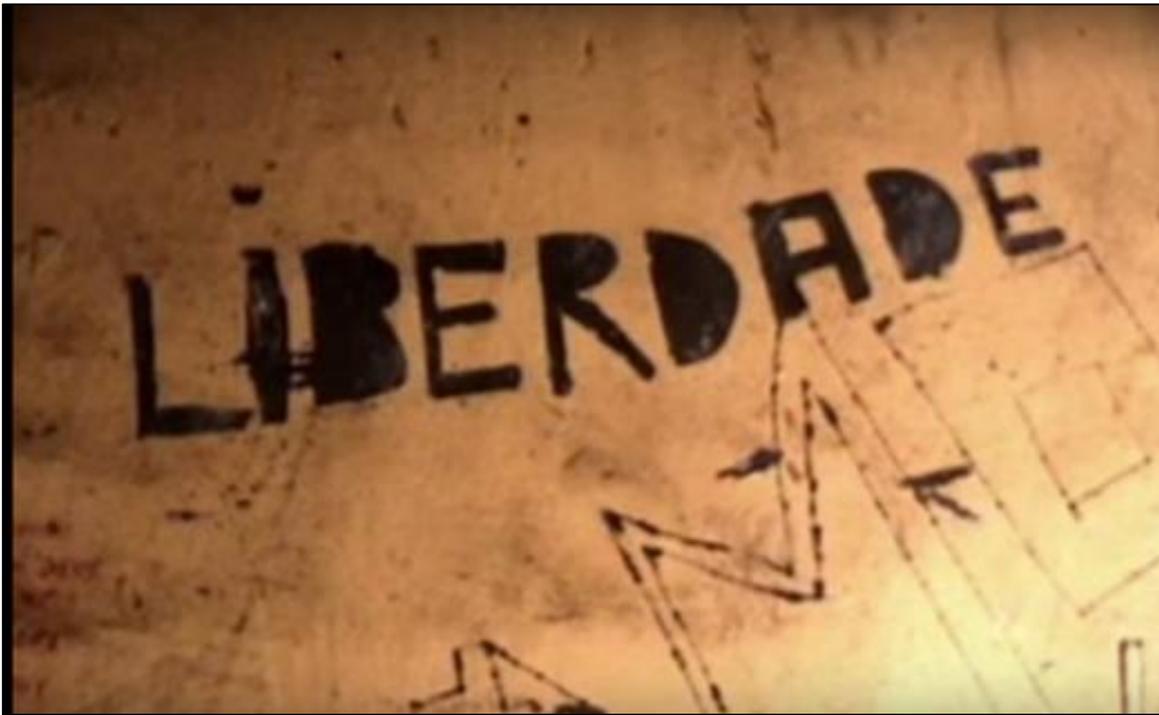


Figura 9 – Uma das paredes de uma cela mostrada em “Nem todos que estão são, nem todos que são estão”.

Fonte: Youtube (2018) – Organizado pelos autores (2018).



Figura 10 – Composição da artista plástica Fernanda Magalhães, apresentadas em “Rotundus”.

Fonte: Youtube (2018) – Organizado pelos autores (2018).

A protagonista fala de si e de sua relação com o fato de ser uma mulher gorda e como isso afeta a maneira como pensa e realiza sua arte. O curta dando voz a personagens da cidade como ela, enleva a visibilidade desse discurso, alinhado ao reconhecimento do trabalho artístico da mesma, em um primeiro momento por estar fora dos padrões estabelecidos e por apresentar o seu ser-no-mundo, sem censura e auto aceitação.

O terceiro curta retrata um dia na vida de um tatuador, “Mauro Montezuma: vida e obra”. Com fortes referências musicais e artísticas, a personagem vai ao centro da cidade (Figura 11), sua trajetória e suas vivências que estão atreladas a sua profissão e o modo como conduz sua vida. Simples e direto, o curta nos mostra um personagem que poderia ser qualquer um de nós...



Figura 11 – Mauro Montezuma em seu trajeto diário pelo calçadão de Londrina.

Fonte: Vimeo (2012) – Organizado pelo autor (2018).

Ao finalizar as sessões desses três curtas, é possível dizer que eles mostram e trazem elementos da realidade, transmitindo verdades e ambiguidades, verossimilhança e alusões (OLIVEIRA Jr., 2005) por serem documentários, obras de ficção, como afirma Nichols (2005), embora a carga de imaginação e invenção possa modificar a maneira como vemos e sentimos as imagens em movimento que são mostradas, vinte e quatro quadros por segundo.

O cinema ao re-inventar e res-significar lugares e pessoas, passamos a acreditar nelas ou não? Somos capazes de ver um outro Cadeião, dotar de outros sentidos e transitoriedades outras esse lugar na cidade de Londrina? E a artista plástica e o tatuador que conhecemos, concordamos com suas ideias e posicionamentos, estamos dispostos a desestabilizar as fronteiras existentes em nós mesmos e olhar para a constituição de lugares que estabelecem?

Nesse re-estabelecimento de lugares que se des-fazem e se re-fazem a todo momento nos filmes que assistimos, conhecemos a importância de pensar sobre eles em congruência e consonância com a nossa experiência geográfica, que nos atravessa e se interpõe...

Esses textos geográficos merecem ser lidos, assistidos, re-inventados e re-interpretados para que possamos, no tecido da nossa vida, nesse cotidiano da nossa existência, formado pela socialidade, individualidade e corporeidade (SANTOS, 1996), permeada de experiências e não-experiências, ressignificar lugares, re-pensar pessoas e des-estabilizar nosso lugar em direção a outro(s)..., re-orientando o sentido de pensar sobre tudo isso também...

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, podemos vislumbrar uma ligação experiencial entre a Geografia e cinema, uma vez que, realmente, esses filmes nos passaram, atravessaram e nos tocaram. Esta pesquisa procurou trilhar um caminho alternativo à produção monográfica, no que diz respeito a temática, a orientação filosófica, epistemológica e metodológica e a preocupação com essas questões em nosso curso de Geografia.

Não é, de maneira alguma, um escrito definitivo a respeito do cinema londrinense, nem do cinema em geral, muito menos um tratado inquestionável sobre a imbricação entre geografia, fenomenologia e arte.

Muitos dos filmes londrinenses, não puderam ser arrolados e comentados por conta de fatores externos e internos. Preferimos seguir caminhos pouco pisados, permeados de intuição e imaginação, em direção às coisas mesmas, trazendo para cá os filmes que encontremos potências que permitiram desvendar e experimentar geografias, propiciando a outros/as geógrafos/as, se deixar encontrar, passar e atravessar por tais experiências únicas.

As potências que encontramos ao ler uma literatura, ouvir uma música e assistir a um filme são transitórias e não nos permitem ser estanques, ou seja, se tivéssemos realizados esta pesquisa em anos anteriores ou em anos futuros, as escolhas dos filmes seriam outras, as revelações seriam outras, a forma de escrever e os modos de se desvelar essas obras seriam distintas.

Vários modos de ver Londrina. Vários momentos que passamos experienciando londrinhas (in)cógnitas. Desvendando seus personagens, seus diretores, uma produção filímica ainda singela se comparada com outros eixos.

Não há como sair de mãos vazias, no balanço das imagens, no movimento do som, no cheiro sem cheiro, na nostalgia que nos cerca, na imaginação geográfica que nos acomete, nas geografias que habitam os corpos...

Essa capacidade de transitar, mover em direção a algo além do que nos é ofertado nos cursos de graduação, do que buscamos enquanto geógrafos e professores de Geografia, tem nos perseguido e desafiado, nos fazendo buscar outros referenciais, de plataformas e fontes diversas, mantendo ainda assim, o rigor científico pedido.

No que tange a formação e atuação profissional do geógrafo, seu olhar e maneiras de influenciar e modificar a realidade dos lugares, ainda que de maneira burocrática, processual e a pequenos passos, por meio do seu conhecimento teórico, prático e técnico.

Ter experiências filmicas e conhecer a produção audiovisual da sua área de atuação, pode ofertar alguns caminhos em direção a possibilidades de re-pensar, em conjunto com outras áreas do conhecimento, fomentar e discutir políticas públicas de modo a incentivar a divulgação da cultura e da produção filmica e demais expressões artísticas que poderiam garantir e estender a vivacidade, o conhecimento e a educação da população de um município, região, estado ou nação.

Que outros e outras possam pensar outras geografias, outros referenciais, outras formas de saber, ser e conhecer e pensar naquilo que mais desafia e inspira os mesmos. Só assim podemos sair de nossas confortáveis caixinhas limitadoras... só assim podemos dar saltos necessários – teóricos, metodológicos, epistemológicos – e encontrar outras potências e responder a outras questões e demandas dessa sociedade cada vez mais complexa.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n. 21-22, p. 67-87, 1999.
- BONDÍÁ, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 19, p. 20-28, 2002.
- CESARO, C. J. Memória e identidade regional no cinema de Udihara. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 97-112, 2007.
- COSTA, M. H. B. V. Espaço, tempo e a cidade cinemática. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 13, p.63-75, 2002.
- COSTA, M. H. B. V. Filme e Geografia: outras considerações sobre a “realidade” das imagens e dos lugares geográficos. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 43-54, 2011.
- COSTA, M. H. B. V. Geografia Cultural e cinema: práticas, teorias e métodos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. p. 248-264.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. 160p.
- GOMES, P. C. C. A longa constituição do olhar geográfico. **Revista GeoUECE**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2012.
- GROTA, R. História do cinema londrinense. **Taturana**, Londrina, n. 4, p. 4-9, 2009.
- HOTEL BERLIM. **Mostra Sesc de Cinema – Edição Londrina**. 5 jul. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/qKEMMT> Acesso em: 8 jan. 2018.

LEME, E. H. **Noites ilícitas**: histórias e memórias da prostituição. 1. ed. Londrina: Eduel, 2005. 328p.

MARANDOLA JR., E. J. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, Goiânia, v. 2, n. 25, p. 67-79, 2005a.

MARANDOLA Jr., E. J. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 49-67, 2005b.

MARANDOLA Jr., E. J. Mapeando “Londrinas”: imaginário e experiência urbana. **Geografia**, Rio Claro, v. 33, n. 1, p. 103-124, 2008a.

MARANDOLA JR., E. J. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 18, n. 29, p. 39-58, 2008b.

MARANDOLA JR., E. J. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2012.

MARANDOLA Jr., E. J. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na Geografia contemporânea. **Geograficidade**, Niterói, v. 3, n. 2, p. 49-64, 2013.

MARANDOLA JR., E. J. Trilhas de acesso a Lisboa: poesia, música, imagem e som em O céu de Lisboa (Lisbon Story), de Wim Wenders. In: CAZETTA, V.; OLIVEIRA JR, W. M. (Orgs.). **Grafias do espaço**: imagens da educação geográfica contemporânea. Campinas: Alínea, 2013b. p. 143-165.

MARANDOLA JR., E. J. Geografias do porvir: a fenomenologia como abertura para o fazer geográfico. In: SPOSITO, E. S.; SILVA, C. P.; NETO, J. L. S.; MELAZZO, E. S. (Orgs.). **A diversidade da geografia brasileira**: escalas e dimensões de análise e da ação. Rio de Janeiro: Consequência, 2016. p. 451-466.

MARANDOLA Jr., E. J. Natureza e sociedade: em busca de uma geografia romântica. **Revista Terceiro Incluído**, Goiânia, v. 7, p. 7-17, 2017.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 314p.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2010. 272p.

OLIVEIRA JR., W. M. **Chuva de cinema**: natureza e cultura urbanas. 1999. 162 f. 162f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1999.

OLIVEIRA JR., W. M. O que seriam as geografias de cinema? **Txt**: leituras transdisciplinares de telas e textos, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 27-33, 2005.

QUEIROZ FILHO, A. C. Cinema, geografia e pesquisa com imagens. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 1-8, 2007.

QUEIROZ FILHO, A. C. Geografias de cinema: o lugar das memórias no filme “A Vila”. **Passagens**, Fortaleza, v. 2, p. 1-15, 2013.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006. 260p.

SANTOS, M. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 21, p. 7-14, 1996.

TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. 1. ed. Londrina: Eduel, 2013. 248p.

WRIGHT, J. K. Terrae incoñitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.

Trabalho enviado em 22/02/2019

Trabalho aceito em 18/07/2019